

EDITORIAL

Homenagem à Profa. Maria Clara Lucchetti Bingemer

Editores

Breno Martins Campos
Ceci Maria Costa Baptista Mariani

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Recebido

17 jun. 2024

Aprovado

18 jun. 2024

Paixão pelo mistério, paixão pelo mundo

Edson Fernando de Almeida¹ , Marcio Cappelli² , Alex Villas Boas³ , Andreia Serrato⁴ 

¹ Universidade federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, Brasil.

² Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Campinas, SP, Brasil. Correspondência para: M. CAPPELLI. E-mail: <marcio.lopes@puc-campinas.edu.br>.

³ Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, Portugal.

⁴ Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, PR, Brasil.

Como citar este artigo: Almeida, E. F. *et al.* Paixão pelo mistério, paixão pelo mundo. *Reflexão*, v. 49, e2413795, 2024. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v49a2024e13795pt>

Pensar visceral e apaixonadamente o mistério e o mundo, no tempo da morte de Deus, eis a tarefa incansável de uma das teólogas mais potentes da cena teológica latino-americana contemporânea: Maria Clara Luchhetti Bingemer. Sua vasta obra tecida por fios tão distintos como a Teologia Fundamental, a Escatologia, a Antropologia Teológica, a Mística e a Teopoética, quando pensada no horizonte maior da tapeçaria que soube desenhar, torna visível um resultado gritante: mãos apaixonadas a teceram. Curiosamente, num texto em que comenta a reflexão que Simone Weil elabora sobre a importância dos mitos, pensadora à qual se dedicou ostensivamente, Maria Clara descreve a postura que o próprio mistério, por seu caráter de excesso, solicita: toda hermenêutica que procura acercar-se dele exige a contemplação. O mistério em seu cúmulo de sentido dá-se na carne-tecido do mundo. Por isso mesmo, exige um tipo de inquirição que, no caso específico de nossa teóloga, se traduz em uma atenção miniaturial. Sua reflexão teológica faz-se com a ponta dos dedos.

Nesse sentido, em Maria Clara, a recusa a qualquer espécie de primado da inteligência sobre o coração, sobre a esperança e sobre o *páthos* da fé, é inconfundível. *Lex orandi – lex credenti* é uma espécie de mantra medieval na pena de uma teóloga contemporânea que não se deixou tomar pelo esquecimento de que a teologia é a pele inteligível que recobre e protege as teopáticas artérias e veias que pulsam nos corpos do mundo, no mundo dos corpos. A tapeçaria teológica de Maria Clara jamais desprezou a ortodoxia, ao contrário, reposicionou-a, ressignificou-a, atualizou-a. Pode-se dizer que a assessora do Papa Francisco para o tema da Sinodalidade ficaria bem sob a alcunha de uma *teóloga da tradição*, se com isso se quisesse apontar para um fazer teológico que soube recorrer ao dogma não apenas como um ponto de chegada, como no dizer de Karl Rahner, mas sobretudo como um ponto de partida, que pede novas leituras, para que seja instância de abertura a alteridades, jamais lugar de fechamentos autoritários.

Para Maria Clara, a fonte da ortodoxia é a doxologia, é experiência do mistério, não um experimento *sobre o mistério*. Essa visceral forma de pensar o mistério do mundo faz de sua teologia uma teologia de baixo, uma teologia à procura de alteridades na vulnerabilidade dos mundos. Se se trata de auscultar o pulso do mistério no coração do Real, então é preciso perguntar pela presença do amor e seus derivantes, na arquitetura tanto das afirmações dogmáticas quanto nos pretensos lugares da presença do mistério no mundo.

Maria Clara percebeu muito cedo que a mística é a linguagem, por natureza, desta auscultação. Nos mundos de Clara, entretanto, os místicos e místicas encontram-se fora dos claustros medievais. Estão, como ela mesma diz, nas ruas, nas fábricas, no barulho ensurdecedor das máquinas, nas prisões, nos infernos de tantas origens e formatos ideológicos. As místicas e místicos estão entregues à pobreza, à vulnerabilidade do mundo, neste verdadeiro clarão de criação e epifania de alteridades. Por essa perspectiva teológica, por esse viés de baixo com que se tece a sua tapeçaria teopática, a literatura passa a ter um lugar especial. Ela é chamada a esta cena, como modo de expressão da vida como ela é, na ambiguidade do seu curso, na verdade do seu acontecimento, na claridade obscura de suas tramas. De certa maneira, a reflexão de Maria Clara inscreve-se no que sublinhou Adélia Prado: “Ou tudo é bento ou nada é bento”. Eis a força desta teóloga da libertação, transparecida tanto nos seus textos teológicos, quanto nos contextos políticos de sua atuação como teóloga e pesquisadora: visitar fronteiras, abrir portas para que o reprimido da teologia, em tempos de fundamentalismo, faça seu aparecimento. Para tal, há que desdobrar-se sempre, há que calar com frequência, há que ouvir críticas do lado de cá e de lá, da claqué sacerdotal para quem a teóloga anda avançando muito e também da claqué contrária para quem a teóloga não avança o suficiente.

Este dossiê pretende dar visibilidade à potência criativa desta teóloga católica brasileira que, entre tantas outras coisas, tem sido um sopro de ar fresco e convite a resistências e reexistências no mundo teológico contemporâneo.